

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
INVISIBILIDADE, TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NO INSTITUTO
FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS - IFNMG – CAMPUS JANUÁRIA
(1964–2024)

Elaine Cristina Lopes Costa Magalhães¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil;
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil
Endereço eletrônico: elaine.costa@ifnmg.edu.br
elainecosta.vida2011@gmail.com

Dra. Ana Elizabeth Santos Alves²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

Introdução

Este texto constitui parte integrante de uma pesquisa de tese em andamento, que se propõe a analisar as relações entre trabalho, educação, gênero e memória no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com foco nas trajetórias de mulheres no curso Técnico em Agropecuária do IFNMG – Campus Januária, no período de 1964 a 2024. O estudo analisa as relações entre trabalho, educação e gênero como fenômenos historicamente construídos, articulando-os à teoria da memória e ao materialismo histórico. Parte-se do entendimento de que tais dimensões são indissociáveis e se constituem em meio a contradições sociais, disputas de poder e permanências estruturais que produzem e reproduzem desigualdades, especialmente no que se refere às relações de gênero.

A motivação para a realização desta pesquisa emerge tanto de inquietações acadêmicas quanto de vivências no campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sobretudo diante da percepção da baixa visibilidade das trajetórias femininas em cursos historicamente masculinizados que limitam sua participação plena, especialmente em áreas técnicas como a agropecuária. Observa-se que, embora tenha havido ampliação do acesso das mulheres à educação ao longo das últimas décadas, ainda persistem barreiras simbólicas, culturais e institucionais que alcançam as mulheres em todas as suas dimensões.

A justificativa da pesquisa fundamenta-se na lacuna existente na produção acadêmica quanto à análise histórica e longitudinal das trajetórias femininas na EPT, particularmente a partir das memórias e narrativas das próprias mulheres. Investigar essas trajetórias torna-se, portanto, relevante tanto do ponto de vista científico quanto social, ao contribuir para a construção de

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação: Memória, Linguagem e Sociedade – PPGMLS/UESB e Pedagoga do IFNMG- Campus Januária.

² Professora do PPGMLS/UESB.

uma memória institucional mais inclusiva e para o fortalecimento do debate sobre equidade de gênero.

A discussão sobre memória apoia-se nos estudos de Maurice Halbwachs (1968), que compreende a memória como construção social. É nesse contexto coletivo que a análise das relações de gênero se constitui como eixo central da investigação, fundamentando-se na perspectiva de

Joan Scott (1990), que compreende o gênero como categoria analítica relacional, constitutiva das relações sociais e das formas de significação do poder, e nas contribuições de Heleieth Saffioti (2004), que evidencia a articulação entre gênero, classe e patriarcado como base estrutural das desigualdades.

No que concerne à educação, esta é compreendida a partir dos apontamentos de Dermeval Saviani (2008), que a concebe como um espaço contraditório, capaz, simultaneamente, de reproduzir desigualdades historicamente constituídas e de tencioná-las, abrindo possibilidades de transformação. No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essas contradições se tornam ainda mais evidentes, uma vez que essa modalidade esteve historicamente vinculada à formação de mão de obra masculina, contribuindo para o reforço de assimetrias de gênero e para a limitação da participação feminina em determinados campos do conhecimento.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa é analisar como as dinâmicas sociais, familiares e institucionais, atravessadas pelas relações de gênero, influenciaram o ingresso, a permanência e as trajetórias de mulheres no curso Técnico em Agropecuária do IFNMG – Campus Januária, no período de 1964 a 2024.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e narrativa, com base em uma abordagem histórico-sociológica. Tal perspectiva permite compreender os sentidos atribuídos pelas mulheres às suas experiências, valorizando suas memórias como construções sociais.

O percurso metodológico está estruturado em três eixos, conforme detalhamento abaixo: Pesquisa bibliográfica e documental, com análise de referenciais teóricos sobre gênero, educação, trabalho e memória, além de documentos institucionais do IFNMG – Campus Januária; levantamento quantitativo, com sistematização de dados de ingresso e conclusão no curso Técnico em Agropecuária entre 1964 e 2024; entrevistas semiestruturadas, realizadas com ex-alunas, visando compreender suas trajetórias, desafios e estratégias de permanência e percepções sobre as relações de gênero no ambiente educacional.

A análise dos dados está sendo realizada por meio da abordagem dialética, que busca compreender as contradições estruturais da sociedade brasileira, marcada pelas desigualdades de classe, raça e gênero.

Resultados e Discussão

A análise das relações de gênero, no contexto desta pesquisa, parte da compreensão de que se tratam de construções sociais e históricas que estruturam hierarquias e organizam desigualdades. O gênero aqui, é mobilizado como categoria analítica central para evidenciar como instituições e práticas sociais produzem, reproduzem e naturalizam assimetrias de poder, incidindo diretamente sobre trajetórias educacionais e profissionais. Nesse sentido, as desigualdades de gênero não se configuram como ocorrências pontuais, mas como expressão de uma estrutura social marcada pelo patriarcado e pela divisão sexual do trabalho, que, ao longo do tempo, associou determinadas áreas do conhecimento e ocupações ao masculino, relegando às mulheres funções vinculadas ao espaço doméstico, do cuidado e organização, como percebido por uma das entrevistadas que vivenciou essas situações no cotidiano do curso:

Eu observava, pelo fato de ser mulher, era essa questão de pegar aquele serviço doméstico que estava lá pra gente fazer. E quando era um serviço da área técnica, que a gente precisava aprender, eram os meninos que iam. O máximo, da área técnica que a gente fazia era quando mandava a gente mais para a horta, molhar os jardins. Mandava a gente fazer essa coisa que era mais caseira, que era mais feminina, ou era considerada mais feminina. Quando era aquelas coisas mais científicas, que tinha que mexer com outras coisas, ou então era técnicas mesmo, assim mais robusta, eram os meninos, e eu queria mexer no trator para arar a terra, porque limpava sala eu já sabia desde casa.” (Entrevistada 2).

Embora a pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, resultados preliminares apontam para a confirmação de que a presença feminina na Educação Profissional, especialmente em cursos técnicos agropecuários, foi historicamente marcada por processos de invisibilização, exclusão e desigualdade de oportunidades. Estudos anteriores apontam que a EPT foi historicamente organizada sob uma lógica masculinizada; associando determinadas áreas do conhecimento ao universo masculino e que as mulheres enfrentaram barreiras culturais, sociais e institucionais para ingressar e permanecer nesses cursos. Percebe-se que a divisão sexual do trabalho influenciou diretamente nas escolhas profissionais e as trajetórias educacionais. Ademais, nos registros institucionais há significativa ausência da feminina ao longo das décadas e as narrativas revelam estratégias de resistência e ressignificação desse lugar e dos acontecimentos, como relata uma das entrevistadas:

“Meus pais falavam que Agropecuária é um curso masculino... Era como se diz...um curso para meninos, e Magistério era um curso para as moças. E eu queria ser professora, mas não necessariamente professora de anos iniciais. Mas... Foi uma imposição da minha mãe. Uma condição para eu fazer o técnico em Agropecuária era que eu tinha que fazer magistério também. Ela somente deixou eu fazer o Técnico em Agropecuária porque acreditava que eu ia desistir do curso porque era muito pesado para mulher.” (Entrevistada 03)

A análise das memórias evidencia que a invisibilidade feminina é resultado de processos históricos e institucionais que privilegiam determinadas trajetórias em detrimento de outras, reforçando desigualdades simbólicas.

A pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem sensível e interseccional que reconheça as complexidades das vidas dessas mulheres e contribua para ampliar seu reconhecimento na história social e cultural. Valendo-se da memória, o sujeito se reconhece no espaço social que a referência e, através dela, podem emergir elementos indispensáveis para a elaboração de identidades e pertencimento a uma classe social determinada, de trajetórias e percursos individuais

Conclusões

A pesquisa evidencia que a educação profissional constitui um espaço de disputa simbólica e material, no qual as desigualdades de gênero são simultaneamente reproduzidas e tensionadas. Ao trazer à tona as narrativas e experiências das mulheres, o estudo contribui para ampliar sua visibilidade e reconhecimento na história da instituição.

A pesquisa contribui para a compreensão da educação profissional como espaço de disputas, no qual desigualdades de gênero são reproduzidas, mas também tensionadas. Ao trazer à tona as narrativas e experiências das mulheres, o estudo contribui para ampliar sua visibilidade e reconhecimento na história da instituição.

A articulação entre trabalho, educação, gênero e memória permite compreender as trajetórias femininas não apenas como experiências individuais, mas como expressões de processos sociais mais amplos, marcados por contradições, resistências e transformações. Espera-se que os resultados contribuam para a construção de uma memória institucional mais inclusiva; o fortalecimento de políticas educacionais voltadas à equidade de gênero; a ampliação do debate sobre a divisão sexual do trabalho que desencadeou desigualdades na Educação Profissional e Tecnológica e em outras esferas da vida das mulheres.

Palavras-chave: Memória; Trajetórias femininas e gênero.

Referências

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1968.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- _____. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- _____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.
- SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil para análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. Jul/dez. Porto Alegre, 1990.

